

DESIGUALDADES EM ATIVIDADE FÍSICA: ANÁLISE INTERSECCIONAL DOS 18 AOS 22 ANOS NA COORTE DE NASCIMENTOS DE 1993 DE PELOTAS

**GIULIA SALABERRY LEITE¹; BRUNA GONÇALVES CORDEIRO DA SILVA²;
HELEN DENISE GONÇALVES DA SILVA³; OTÁVIO AMARAL DE ANDRADE
LEÃO⁴; INÁCIO CROCCHMORE-SILVA⁵**

¹*Universidade Federal de Pelotas - giuliasalaberry@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - brugcs@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas - hdgs.epi@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - otavioaaleao@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas - inacio_cms@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

A prática de atividade física (AF) é um fenômeno comportamental complexo e multidimensional, que está sujeito a mudanças ao longo da vida (PETTEE *et al.*, 2012). A AF desempenha um papel fundamental na promoção da saúde e no bem-estar das populações, sendo fortemente influenciada por fatores sociais, econômicos, culturais e ambientais. Pesquisas sobre desigualdades em saúde, adotando a perspectiva da interseccionalidade, têm documentado um efeito em que gênero, raça e nível econômico atuam multiplicativamente para gerar condições negativas relacionadas à saúde (TAYLOR; RICHARDS, 2019). Portanto, essas três dimensões interagem e se sobrepõem, criando complexidades na compreensão das desigualdades de AF ao longo do ciclo vital.

Nesse contexto, abordagens interseccionais, na área de epidemiologia da AF, embora ainda incipientes de acordo com MIELKE *et al.* (2022), são relevantes em um país como o Brasil, sexto país mais populoso do mundo e que tem enfrentado desafios significativos em termos de desigualdades sociais. Diante desse panorama, o objetivo desse estudo foi avaliar, com abordagem quantitativa em estudo epidemiológico, a interseccionalidade na AF de lazer aos 18 e 22 anos dos participantes da Coorte de Nascimentos de 1993 de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

No ano de 1993 todos os nascidos vivos em hospitais de Pelotas/RS, cujas famílias residissem na zona urbana, foram convidados a participar de um estudo de coorte. Foram incluídos 5.249 participantes (99,7% do total de nascimentos da cidade). Os dados utilizados nesse estudo são referentes aos acompanhamentos dos 18 ($n=4.106$) e 22 anos ($n=3.810$). Detalhes sobre os acompanhamentos são encontrados em outras publicações (GONÇALVES *et al.*, 2014; GONÇALVES *et al.*, 2017).

Para mensuração da AF aos 18 anos, os participantes responderam a seção de lazer do Questionário Internacional de AF (IPAQ) (MATSUDO *et al.*, 2012) e aos 22 anos, o questionário foi baseado em uma lista de AF de lazer (FARIAS *et al.*, 2012), ambos abordaram frequência semanal e duração das práticas. As dimensões de desigualdades analisadas foram sexo (masculino/feminino), nível econômico (quintis de índice de bens), ambos coletados no acompanhamento perinatal, e cor da pele (brancos/pretos e pardos) coletada aos 15 anos.

Para análises de interseccionalidade, foi criado um índice Jeopardy (TAYLOR; RICHARDS, 2019), baseado em uma pontuação composta. O índice



atribui de forma arbitrária ao grupo mais privilegiado de todas as variáveis a pontuação zero, ao grupo menos privilegiado das variáveis categóricas dicotômicas a pontuação de um e, para a variável categórica politômica, a pontuação dos menos privilegiados variou de um a quatro. Assim, para cada variável foram dadas as seguintes pontuações: sexo (masculino=0; feminino=1); cor da pele (branco=0; pretos e pardos=1); renda (quintil superior=0; 4º quintil=1; 2º quintil=2; 3º quintil=3; quintil inferior=4). As pontuações de cada indicador foram somadas, resultando no índice de Jeopardy, que variou de 0 a 6. O grupo de menor escore (pontuação = 0) incluiu homens, brancos e do quintil superior de renda, enquanto o grupo mais alto (pontuação = 6) foi composto por mulheres, pretas ou pardas e pertencentes ao quintil inferior de renda. Análises descritivas foram realizadas considerando média e intervalos de confiança (IC) de 95%.

Todos os acompanhamentos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (números de registro: 05/2011 e 1.250.366).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados do presente estudo indicam redução nas magnitudes das médias de AF de lazer dos 18 anos (média de 123,1 min/semana) para os 22 anos (69,9 min/semana). O resultado corrobora com meta-análise recente (CORDER *et al.*, 2019). Entre os diferentes eventos que podem impactar essa diminuição de AF de lazer dos 18 aos 22 anos, destacam-se as mudanças decorrentes da fase de vida (ex.: residência, status de emprego, novos relacionamentos, ingresso na universidade, gestação, maternidade, paternidade) (CHONG *et al.*, 2019).

Observa-se a partir do índice de Jeopardy, que quanto maior o índice, menor a média de AF no lazer e maior a desigualdade entre os grupos, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Média de atividade física no lazer de acordo com índice composto de interseccionalidade aos 18 e 22 anos na Coorte de Nascimentos de 1993, Pelotas, Rio Grande do Sul.

Índice de Jeopardy*	Questionário Atividade física de Lazer			
	18 anos (n= 3.718)		22 anos (n= 3.368)	
	N (%)	Média (IC95%)	N (%)	Média (IC95%)
0 (menor risco)	281 (7.6)	232.9 (198.3-267.5)	251 (7.5)	115.6 (93.9-137.2)
1	615 (16.5)	151.6 (133.6-169.6)	573 (17.0)	85.8 (69.9-101.6)
2	673 (18.1)	118.6 (101.6-135.6)	599 (17.8)	65.1(53.9-76.3)
3	741 (19.9)	108.1 (93.3-122.9)	669 (19.9)	69.8(57.6-82.1)
4	726 (19.5)	116.1 (98.2-134.0)	656 (19.5)	69.6 (57.0-82.2)
5	508 (13.7)	86.3 (69.1-103.5)	452 (13.4)	48.1 (34.9-61.3)
6 (maior risco)	174 (4.7)	36.7 (18.3-55.1)	168 (4.9)	17.9 (9.1-26.7)

*Escore de sexo, cor da pele e nível econômico.

As diferenças na prática de AF no lazer no Brasil estão fortemente ligadas a fatores econômicos, acesso a recursos e expectativas de gênero, resultando em disparidades nos padrões de AF ao longo da vida (KNUTH *et al.*, 2017; NILSEN *et al.*, 2019). É importante ressaltar que os questionários utilizados nesse trabalho podem apresentar uma tendência a superestimar os níveis de AF de lazer.

Entretanto, ressalta-se a clara tendência de desigualdades observadas no domínio analisado aos 18 e 22 anos na Coorte de Nascimento de 1993 em Pelotas/RS.

Aos 18 anos, homens, brancos e de nível econômico mais alto, faziam cerca de seis vezes mais AF de lazer do que mulheres pretas/pardas e de nível econômico menor, conforme ilustrado na Figura 1. Ao longo do tempo, percebe-se uma redução de desigualdades entre o grupo mais privilegiado e o menos privilegiado. Entretanto, essa atenuação na desigualdade deve ser interpretada com cautela por formuladores de política, uma vez que o tempo em AF no lazer não aumentou no grupo de menos privilegiado e piorou no grupo mais privilegiado.

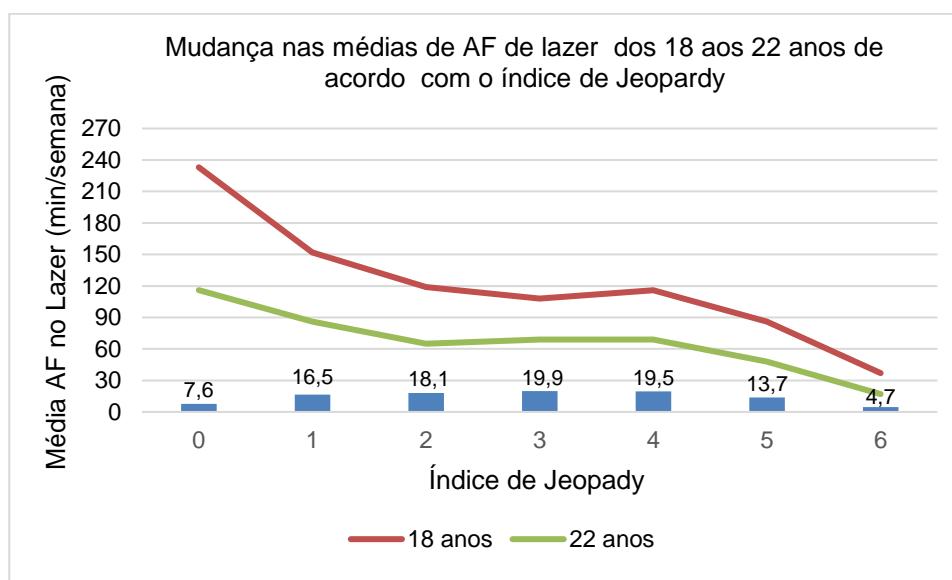


Figure 1. Mudança nas médias de AF de lazer dos 18 aos 22 anos de acordo com o índice de Jeopardy.

Tais descobertas baseadas na intersecção de características como sexo, cor da pele e nível econômico apresentam um efeito cumulativo para determinar a AF no tempo de lazer mostram que ela é provavelmente mais um privilégio dos homens, brancos e de nível econômico mais alto, corroborando com os resultados encontrados nos estudos de KNUTH; ANTUNES (2021) e MIELKE *et al.* (2022). Esse privilégio social pode ser atribuído à disponibilidade e ao maior acesso a instalações privadas de AF de lazer, acesso a áreas verdes, flexibilidade nos regimes de trabalho, normas sociais, fatores psicossociais e ausência de AF em outros domínios da AF, como trabalho, atividades domésticas e deslocamento em comparação aos grupos menos privilegiados (STRAIN *et al.*, 2020).

4. CONCLUSÕES

As interseções de sexo, cor da pele e nível econômico influenciaram fortemente a AF de lazer aos 18 e 22 anos na Coorte de Nascimentos de 1993 de Pelotas/RS. É fundamental considerar essas complexidades como desigualdades sistêmicas e interligadas nas formulações de intervenções de saúde destinadas ao planejamento de estratégias de promoção de AF, possibilitando o acesso dos grupos mais vulneráveis a partir de ações de redução das desigualdades em saúde.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHONG, KH. et al. Changes in physical activity, sedentary behaviour and sleep across the transition from primary to secondary school: A systematic review. **J Sci Med Sport.** 2019.

FARIAS, C. et al. Validade e reprodutibilidade de um questionário para medida de atividade física em adolescentes: uma adaptação do Self-Administered Physical Activity Checklist. 2012. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 15(1), 198–210.

GONÇALVES, BH. et al. Cohort profile update: The 1993 Pelotas (Brazil) birth cohort follow-up visits in adolescence. **International journal of epidemiology.** 2014.

GONÇALVES, BH. et al. Cohort Profile Update: The 1993 Pelotas (Brazil) Birth Cohort follow-up at 22 years. **Int J Epidemiol.** 2017.

KNUTH, AG. et al. Objectively measured physical activity in children is influenced by social indicators rather than biological life course factors: Evidence from a Brazilian cohort. **Preventive medicine**, v. 97, p. 40-44, abr. 2017.

KNUTH, AG; ANTUNES PC. Bodily practices/physical activities considered as privilege and not a choice: analysis in the light of Brazilian inequalities. **Saúde Soc.** 2021.

MATSUDO, S. et al. QUESTIONÁRIO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE FÍSICA (IPAQ): ESTUDO DE VALIDADE E REPRODUTIBILIDADE NO BRASIL. **Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde.** 15º de outubro de 2012.

MIELKE, GI. et al. All are equal, but some are more equal than others: social determinants of leisure time physical activity through the lens of intersectionality. **BMC Public Health** 22, 36 (2022).

NILSEN, AKO. et al. Physical activity among Norwegian preschoolers varies by sex, age, and season. **Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 29, p. 862–873, 11 fev. 2019.

PETTEE, GKK. et al. Enquadramento da atividade física como comportamento complexo e multidimensional. **J Phys Act Health.** 2012; 9 (Supl 1): S11–S8

STRAIN, T. et al. “Levels of domain-specific physical activity at work, in the household, for travel and for leisure among adults from 104 countries.” **British journal of sports medicine.** vol. 54,24, 2020.

TAYLOR, D; RICHARDS, D. Triple jeopardy: complexities of racism, sexism, and ageism on the experiences of mental health stigma among young Canadian black women of Caribbean descent. **Front Sociol.** 2019.